HOMEM

apresenta

TIRAGEM LIMITADA!

Exemplar cortesia do Editor

Mulheres Sensuais

Manaus, Santarém, Rio Branco, Boa Vista, Macapá e Porto Velho: Cr$ 216

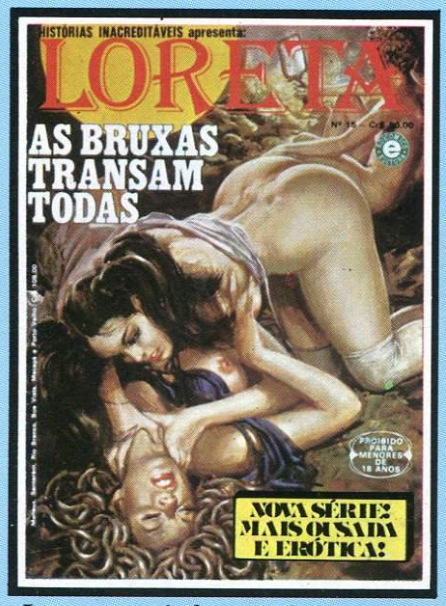
AS MAIS EXUBERANTES MULHERES, FOTOGRAFADAS POR HOWARD ROARK, EM NUS NUNCA VISTOS NO BRASIL

ENCARTE ESPECIAL: AS FANTASIAS ERÓTICAS QUE O POVO CONTA

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS

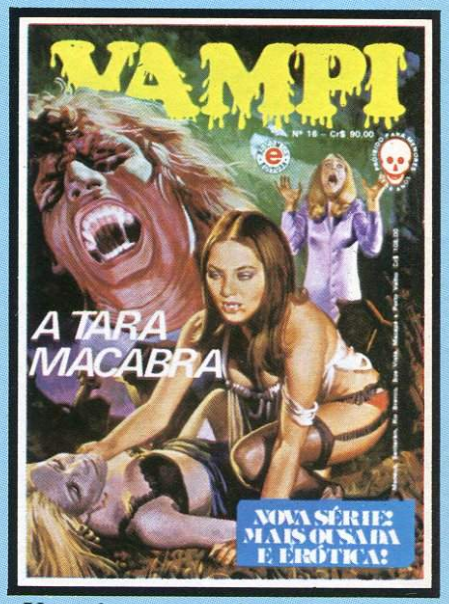
ATENÇÃO: DEVIDO À OUSADIA E AO FORTE EROTISMO AQUI CONTIDO, RECOMENDA-SE ESTA EDIÇÃO APENAS PARA MAIORES DE 21 ANOS

Qualquer semelhança é pura sacanagem!

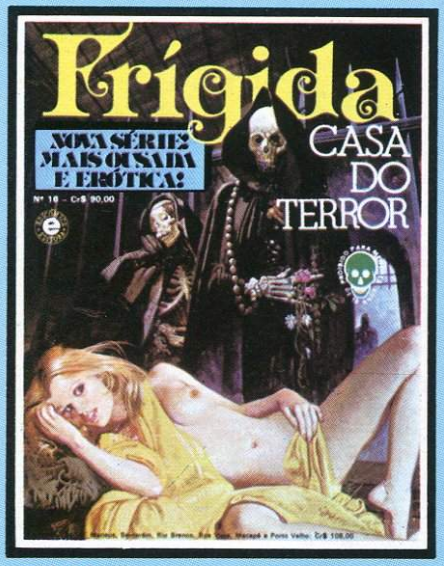


Loreta, a ninfeta mais **depravada** dos contos nada infantis.

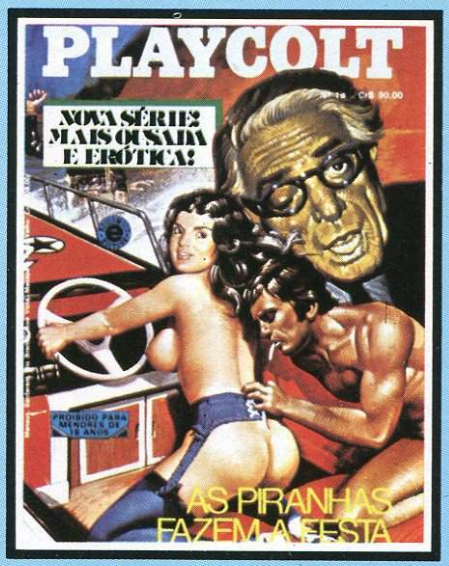
Zartan, o homem-macaco de **catramelo** enorme.



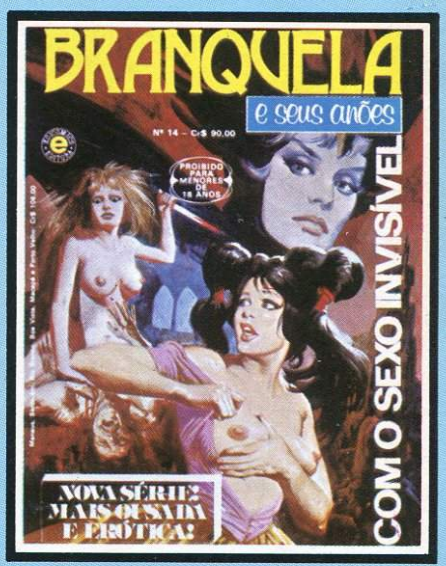
Vampi, a vampira que **chupa** todo mundo.



Frígida, que tem uma **xoxota** fulminante.



Playcolt, o investigador **bom de cama** e suas aventuras.



Branquela, que só faz **sacanagem** com os sete anões.

Os quadrinhos eróticos Edicomics oferecem tudo aquilo que você espera de uma revista assim: aventura, mistério, ação, mulheres, sexo, sexo e mais sexo. Com aquela pitada de humor e malícia que todo mundo gosta e que poucos, bem poucos, podem fazer. Por isso cuidado com as imitações que estão por aí. Só os quadrinhos verdadeiros é que vêm com a marca pioneira da Edicomics.
Fique de olho. Afinal não é época de você comprar gato por lebre.

EDICOMICS EDITORA

DIRETOR DE REDAÇÃO
Osmar Mendes Júnior

REDATOR-CHEFE
Leonel Prata

EDITORA DE TEXTO
Lúcia Reggiani

REDAÇÃO
Ana Luiza Guimaro, José Luiz Toni

DIRETOR DE ARTE
Wiliam Akira Kobata

ARTE
Fausto, Lourenço Minoru Fugixima, Murilo Rodrigues de Maria, Pedro Quadros da Silva, Sérgio Hamasaki, Sônia Kawa.

VISUAL
Esperanza Martin Dias

REVISÃO
Antonio de Almeida Maia, Benedito Egydio dos Santos Neto, Iracy Silva Corrêa, Maria Lenilde Silva, Oswaldo da Rocha Diniz Filho, Paulo Augusto da Silva, Rosangela Maria Dolis, Ruth Cordeiro e Vera Helena Rodrigues Carneiro.

SECRETARIA
Everaldo Vasconcelos e Solange Zavan

PUBLICIDADE
Carlos Augusto Reis (contato)

COLABORADORES
Angelo Sottovia Aranha, Antônio Carlos Moraes, Antônio Pavone, Assis Ângelo, Beto Ramasini, Bruno de André, Chacrinha, Dagomir Marquezi, Eduardo Araia, Elise Grasman, Fausto Wolf, Gilberto Galvão, Jailson de Almeida, J. Santana, Marcos Faerman, Murilo Carvalho, Rachel Melamet, Roberto Willen, Ruth Costa, Sandra Nascimento, Sylvio Abreu, Suzete de Almeida, Tânia Regina Pinto, Vania Marisa Ciorlia, Waldir Moura (texto); Aderi Costa, Apla, Aragão, Ayrton Camargo, Corrado Ubézio, Croll Produções, Dimas Schittini, Fábio Caldeira, Ítalo Sani, Leandro Sangoi, Luiz Cersósimo, Marco Rodrigues, Real Press, Roberto Cosulich (fotos); Agner, Angeli, Alci, Caldas, Érico Santos, Flávio, Flávio Del Carlo, Geandré, Glauco, Gersus, Guidacci, Henfil, Jusca, Lorival Viegas, Lu Gomes, Luscar, Michelle, Nani, Nilson, Paulo Caruso, Saiti (humor).

CORRESPONDENTES
Luiz Carlos Dolabella Chagas (São Francisco), Luiz Lacombe (Ithaca), Osmar Freitas Júnior (Nova York), Rodney Mello (Hollywood), Veralúcia Sastre (Rio de Janeiro).

RESPONSÁVEL
Osmar Mendes Júnior

Revista HOMEM (edição especial – MULHERES SENSUAIS) é uma publicação da Idéia Editorial Ltda. Redação, Administração e Publicidade, rua William Speers, 1000, tel.: 260-0533, ramal 19, Caixa Postal 223, CEP 05065, São Paulo, SP. Assinaturas pelo tel.: 260-0533 ramal 41. Preço do exemplar avulso: o constante na capa. Preço de assinatura: o mesmo do exemplar avulso, multiplicado pelo número de edições no período desejado. Esta Editora não autoriza ninguém a angariar assinaturas de suas publicações. Os números atrasados deverão ser pedidos diretamente ao Marketing Direto, Caixa Postal 223, São Paulo, SP, CEP 01000. Não publicamos matérias redacionais pagas. HOMEM não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. A composição desta obra e os fotolitos pxb foram feitos na Três Livros e Fascículos. Registrada no Serviço de Censura Federal sob o nº 1955 – P-209/73.

As Exuberantes Européias

As mulheres do Velho Continente sempre exerceram um grande fascínio entre os brasileiros. Talvez porque na época de nossos avós, eram elas, as européias, as rainhas absolutas de toda e qualquer fantasia erótica. Foram as francesas, as polacas, as suecas, as italianas e até as espanholas, aquelas que dominavam os sonhos proibidos de nossos antepassados e aquelas que, na cama, agiam como verdadeiras mestras. Hoje, as mulheres da Europa continuam na vanguarda. Quem ainda não ouviu falar da desinibição da sueca? Quem não se deslumbra ao ouvir contar que em Amsterdã, na Holanda, as mulheres ficam expostas nas vitrinas enquanto aguardam pacientemente seus amantes? Quem, enfim, não se imaginou amando uma dessas insinuantes representantes do sexo frágil nascidas no além-mar? Nesta edição você vai se encontrar com uma nova safra dessas mulheres especiais, soberbamente fotografadas por Howard Roark, um dos maiores *experts* em nu feminino do mundo. Veja como elas, sem nenhuma timidez, esbanjam saúde. Descubra aqui porque elas conquistaram (e com justiça) o título de "Mulheres Sensuais". Você merece, brasileiro.

OS EDITORES

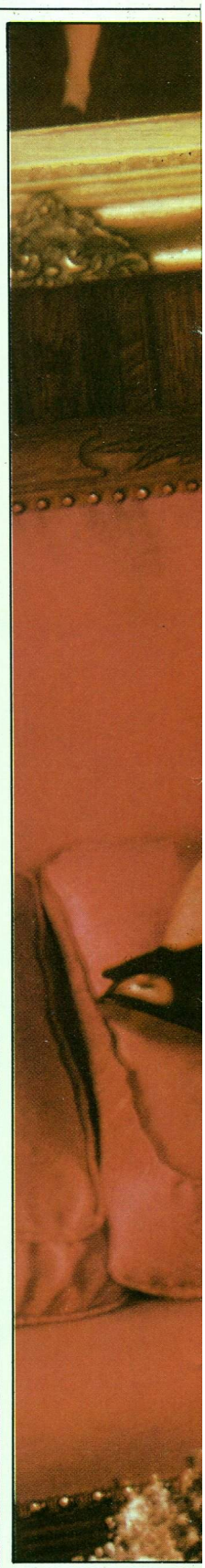
DÉBORA LEE JOHNSON	4	DANIELLE FABRE	43
ROBIN McCALLA	12	EVE COHEN	52
THEREZA PERRY	20	BERNICE ARNOLD	60

Débora, a Inglesa

Os britânicos amantes do cinema pornô conhecem quase toda a cinematografia desta insinuante loira. Débora Lee Johnson tem apenas 25 anos e quase oito de carreira. Começou fazendo pequenas pontas em produções baratas e, hoje, é uma das mais bem pagas atrizes do gênero na terra do Príncipe Charles. Nada inibida, Débora não se opõe aos roteiros, mas nunca chegou ao sexo explícito. Atualmente está filmando numa ilha grega, ao lado do Troy Lester, seu primeiro filme internacional. Nasceu em Liverpool, a terra dos Beatles. Acompanhe agora sua performance.

Débora, a Inglesa

Os britânicos amantes do cinema pornô conhecem quase toda a cinematografia desta insinuante loira. Débora Lee Johnson tem apenas 25 anos e quase oito de carreira. Começou fazendo pequenas pontas em produções baratas e, hoje, é uma das mais bem pagas atrizes do gênero na terra do Príncipe Charles. Nada inibida, Débora não se opõe aos roteiros, mas nunca chegou ao sexo explícito. Atualmente está filmando numa ilha grega, ao lado do Troy Lester, seu primeiro filme internacional. Nasceu em Liverpool, a terra dos Beatles. Acompanhe agora sua performance.



KORBEL

AdultMagazinesPDF.com

AdultMagazinesPDF.com

AdultMagazinesPDF.com

AdultMagazinesPDF.com

AdultMagazinesPDF.com

AdultMagazinesPDF.com

AdultMagazinesPDF.com

AdultMagazinesPDF.com

"Discover classic adult vintage magazines: evocative, stylish, and nostalgic, capturing timeless allure and retro elegance from bygone eras."

Robin, a Sueca

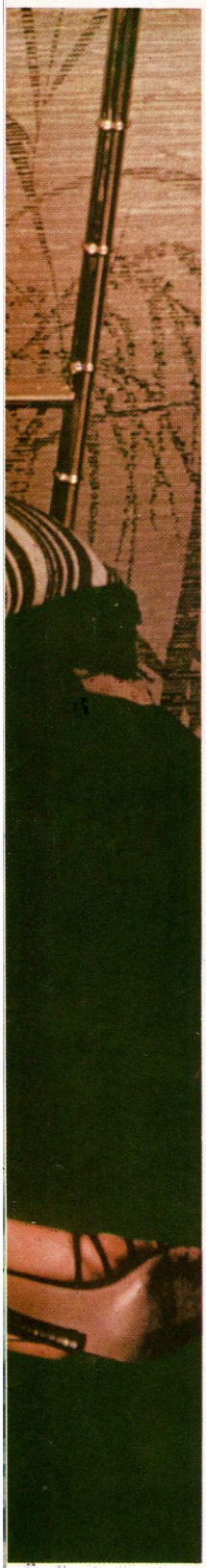
Terceira filha de um casal que teve oito, todas mulheres, Robin logo se destacou pela forte personalidade. Extremamente feminina, Robin McCalla (este é o seu nome completo) nem bem completou 18 anos, já se infiltrou no mundo artístico. E durante dez semestres foi dançarina dos mais fechados clubes noturnos de Estocolmo. Daí para o cinema erótico foi fácil. E para a glória, um pulo. Veja como Robin consegue eletrizar os homens.

Robin, a Sueca

Terceira filha de um casal que teve oito, todas mulheres, Robin logo se destacou pela forte personalidade. Extremamente feminina, Robin McCalla (este é o seu nome completo) nem bem completou 18 anos, já se infiltrou no mundo artístico. E durante dez semestres foi dançarina dos mais fechados clubes noturnos de Estocolmo. Daí para o cinema erótico foi fácil. E para a glória, um pulo. Veja como Robin consegue eletrizar os homens.

Thereza, a Norueguesa

Filha da terra onde se pesca o mais saboroso bacalhau, Thereza Perry, uma das melhores dançarinas escandinavas e excelente nadadora, faz o maior sucesso onde quer que se apresente. Desde que aprendeu a nadar, na mais tenra idade, Thereza não saiu mais da água. Ela faz shows *de* ballet *aquático, inspirada no estilo de Esther Williams, aquela atriz de Hollywood que fazia misérias esquiando, mergulhando, nos filmes dos anos 50. Mas, como o inverno na Noruega é muito rigoroso, nas épocas mais frias Thereza sai da piscina para dançar nos* night-clubs, *onde ela aquece o coração dos homens com o incrível molejo de seu corpo. Aqui você verá como Thereza vende bem o seu peixe.*



As Fantasias Eróticas que o Povo Conta

O brasileiro sempre gostou muito de falar sobre as suas aventuras sexuais. Sempre gostou de relatar em detalhes aquela conquista difícil, aquela trepada monstro, aquela aventura excepcional, quando deu seis sem tirar, em pé, atrás da geladeira da copa, com os futuros sogros na sala, vendo televisão, num domingo de Páscoa, sem que eles sequer desconfiassem. Isso em plena hora do almoço! Pois são essas fantasiosas histórias o que você terá nas próximas páginas. São relatos reais, enviados pelos leitores das publicações da Ideia e que contêm aquela dose certa de erotismo que agrada a todos. Aqui você vai ver mulheres revelando seus caprichos e desejos íntimos, homens pondo para fora suas preferências e taras, gente com imaginação erótica tão fértil que deixa qualquer bom autor de ficção falando sozinho. Enfim, você vai sentir como é que o brasileiro se comporta na hora do sexo. Se as histórias são verdadeiras ou não, pouco importa. Mas não há dúvida de que elas excitam para valer. Comprove isso lendo pelos menos uma.

OS EDITORES

O ALHEIO É MAIS GOSTOSO

Já não me lembro bem com que idade aconteceu, exatamente, mas foi lá pelos meus onze anos. Nessa época, na minha adolescência, eu percebia algo estranho em mim. Quando friccionava um pouco o peru, sentia uma cócega gostosa, mas que não chegava ao fim.

Numa bela manhã de sol, apanhei meu arco de tambor e, com o auxílio de um gancho de arame, saí às ruas a rodá-lo, na mais concentrada pureza de menino.

Não corri muito. Lembro-me que encontrei outro menino, de pouca intimidade, mas que eu já havia visto antes, junto aos outros meninos da rua. Era um guri alourado, bem claro e de olhos muito vivos. Parecia de fino trato.

Interessando-se pelo brinquedo que eu conduzia, foi taxativo ao aproximar-se de mim:

– Se você me der este arco, eu lhe dou o c_ !

Aquilo me pegou de surpresa. Parecia um ultimato. Não pensei duas vezes, mesmo porque eu transbordava de curiosidade. Lembrei-me das cócegas que sentia ao manipular o já taludinho pênis, e do que poderia acontecer naquela aventura nunca experimentada.

Aceitei!

Fomos para o mato e lá o meu condutor, que parecia ter bastante prática no que estava fazendo, foi descendo as calças e, de bunda pra cima, mandou que eu untasse o membro com saliva e o "entubasse"

Já de pino duro – e bem duro – dei início à minha primeira experiência sexual, justamente com outra pessoa do mesmo sexo. Introduzi tudo o que pude e comecei um prolongado vaivém. A cada instante que passava eu sentia ainda mais aquela cócega e me alucinava. Quando eu já achava que tudo estava terminado, uma euforia embriagadora tomou conta de mim. Um êxtase profundo que parecia vir de dentro das minhas entranhas; eu estava gozando pela primeira vez, sentindo meu primeiro prazer sexual com ejaculação.

Depois que eu havia gozado, meu companheiro quis tirar o dito cujo da seringa, mas eu o agarrei pela cintura e dei um suspiro forte de prazer e luxúria, comprimindo-o de encontro ao meu ventre. Mas o mais interessante foi que, apesar de tê-lo usado, eu não sentia atração por ele. Por isso, não me foi difícil resistir nas outras vezes que ele me procurou. Felizmente, meus pais se mudaram para a Capital, e fiquei livre daquele compromisso. Depois daquele dia, nunca mais tive relações com outros meninos.

Comecei, então, a dar em cima das menininhas e, nas horas vagas, me masturbava. Naquela idade, no despertar do sexo, como toda criança eu aproveitava qualquer tempinho que eu estivesse a sós para me deleitar na manipulação genital.

O tempo foi passando e, quando completei quatorze anos, fui à "zona", acompanhado dos meus colegas mais "taludos" Quando lá chegamos fiquei muito assustado e nervoso, com medo dos patrulheiros da época. Vestindo o uni-

forme do ginásio e agarrado a uma nota de cinco mil réis – que seria o pagamento da trepada – peguei a primeira mulher que apareceu na minha frente.

Ela apareceu numa porta entreaberta, só de calcinha e sutiã. Entrei sem nada falar e ela, também quieta, me conduziu a um quarto colorido, berrante e desalinhado. Tudo era muito sórdido, um odor de permanganato no ar, mas meus impulsivos quatorze anos não queriam saber de nada disso. A mulher ainda era jovem e bem vistosa e, sem o menor charme, deitou-se numa velha e cansada cama de casal, ordenando que eu tirasse a roupa.

Enquanto eu me despia ela nem olhou para o meu lado. Começou a ler uma revistinha em quadrinhos, calma e serenamente. Tirei a roupa e lancei-me de corpo e alma em cima da mulher Ela, simplesmente, abriu as pernas num convite brusco para que eu entrasse e saísse logo. Olhei apressadamente para a sua vagina – que não era nada pequena – coberta de altos pêlos emaranhados, e senti uma sensação diferente. Algo como ser devorado.

Não podia compreender que eu, sendo proporcionalmente tão pequeno, pudesse fazer alguma coisa ali dentro. Mas o momento não era de reflexão, e sim de ação, pois ela estava me apressando. Embora continuasse lendo, pedia que eu acabasse logo porque os outros fregueses estavam lá fora esperando.

Eu transpirava por todos os poros, e pedia a Deus para gozar logo. Consegui, e depois de um relaxamento rápido, terminei aquela odisséia. Foi apenas um prazer mecânico, uma experiência realizada.

Ela apanhou um pedaço de pano que estava sobre a mesinha de cabeceira, limpou meu pênis e mandou que eu me vestisse. Deilhe a única nota de cinco mil réis que eu tinha e saí.

Foi a maior alegria. Todos os amiguinhos da rua e adjacências ficaram sabendo daquela aventura, e no ginásio passei a me fazer de adulto. Dizia, com toda a arrogância, que já havia comido minha primeira mulher, e me considerava um verdadeiro homem.

Passei, então, a me vestir melhor, e me preocupava até com meu novo andar. Galanteava as mulheres todas; meninas, moças, e até senhoras casadas. Para mim, galantear passou a ser uma grande economia, pois o negócio era de graça, só no amor.

Por falar em mulher casada, não me foi difícil conseguir o primeiro "biscate", sem compromisso e com muito mais emoção. Todos sabem que o que é alheio é mais gostoso e mais cobiçado, principalmente em se tratando de mulher bonita. E o meu caso era uma vizinha muito bonita, com seus vinte anos de idade, e sem filhos.

Ela era descendente de alemães, de raça pura, e era a "mosca no mel" dos meus sonhos de menino-rapaz. E ela não deixava por menos. De uma fibra fora do comum, bons predicados e muito séria, não demonstrava estar carente de amor Seu marido, meu conhecido, era funcionário de uma empresa de transportes interestaduais, e passava a maior parte do tempo fora de casa.

Eu mantinha amizade com ela, sem a mínima malícia e com todo o respeito que minha formação doméstica mandava. Um dia, por obra do acaso, ficamos a sós, e ela – talvez por astúcia – propôs-me irmos ao cinema.

No cinema, eu não perdia nenhuma cena do filme, até que, em dado momento, pretextando uma violenta emoção, ela projetou-se sobre o meu peito e deixou que os seus lindos e longos cabelos alourados caíssem sobre meu peito e meu rosto. Pela primeira vez despertei o meu interesse por aquela mulher de corpo macio e cheiroso.

Daí por diante, eu não conseguia pensar em mais nada. Saía para o ginásio com a imagem daquela mulher na cabeça, e voltava da mesma maneira. Ela passou a ser tudo na minha vida de menino sonhador. Comecei a emagrecer a olhos vistos, a ponto de todos repararem (haja bronha!).

Quando eu a encontrava na janela de sua casa, procurava me aproximar com uma conversa qualquer e, mesmo estando do lado de fora, corria a mão por todo o seu corpo. Eu a acariciava todinha, até que, entre movimentos rápidos e ofegantes abria-lhe a calcinha e introduzia os dedos na sua vagina carnuda, coberta de louros, macios e lindos pêlos.

Dedilhava o quanto podia seu clitóris intumescido, e ela gozava do outro lado da parede, enquanto eu me melava todo do lado de fora. Aquela prática tornou-se uma constante.

Quanto mais eu rogava que ela consentisse no coito, mais ela se opunha. Parece que ela sentia um certo prazer ou sadismo, ao me ver em constante agonia, à espera da realização sexual. Num belo dia, após o almoço, resolvi dar um pulinho até a casa da minha amiguinha, e fui.

Como eu já conhecia bem a casa, dei a volta por trás e percebi que a porta da cozinha estava aberta. Fui entrando e lá estava ela, junto ao fogão, de costas para mim, dando a entender que não percebera a minha chegada. Não vacilei, acerquei-me de seu corpo. Empurrei-a, então, para o chão, abri-lhe as coxas rosadas e me enfiei sem nenhuma palavra. Só agora me lembro que ela estava com a xoxota todinha molhada, ansiosa.

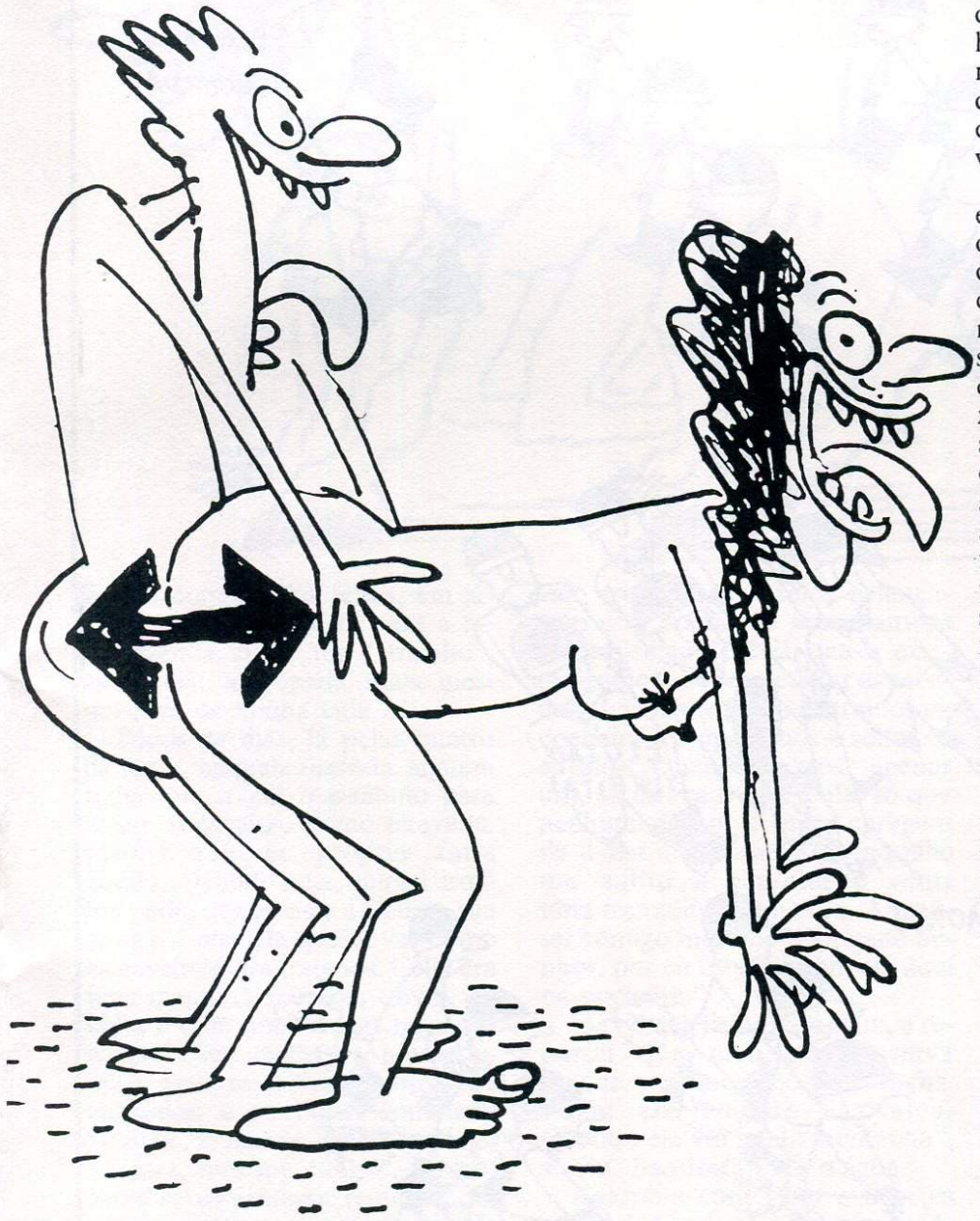
Ela gozou tanto que desmaiou, me deixando bastante assustado. Logo pensei em problemas sérios, pois desconhecia que certas mulheres têm aquela característica. Agora já não me preocupo mais quando isso acontece; basta soprar-lhes os olhos que ela se reanima.

Posso afirmar, categoricamente, que aquele foi um dos maiores prazeres da minha vida de rapazola. Daquele dia para frente, em toda oportunidade que eu tinha, lá estava eu com a maior cara de pau, e com "o mesmo" em riste para mais um prazer. Fiquei muito mais disposto, pois minha vontade estava saciada.

A.F.A.
RIO DE JANEIRO — RJ

QUE HISTÓRIA É ESSA DE VOCÊ NUNCA TER TIDO UM ORGASMO?

TRAVESSURAS NO METRÔ

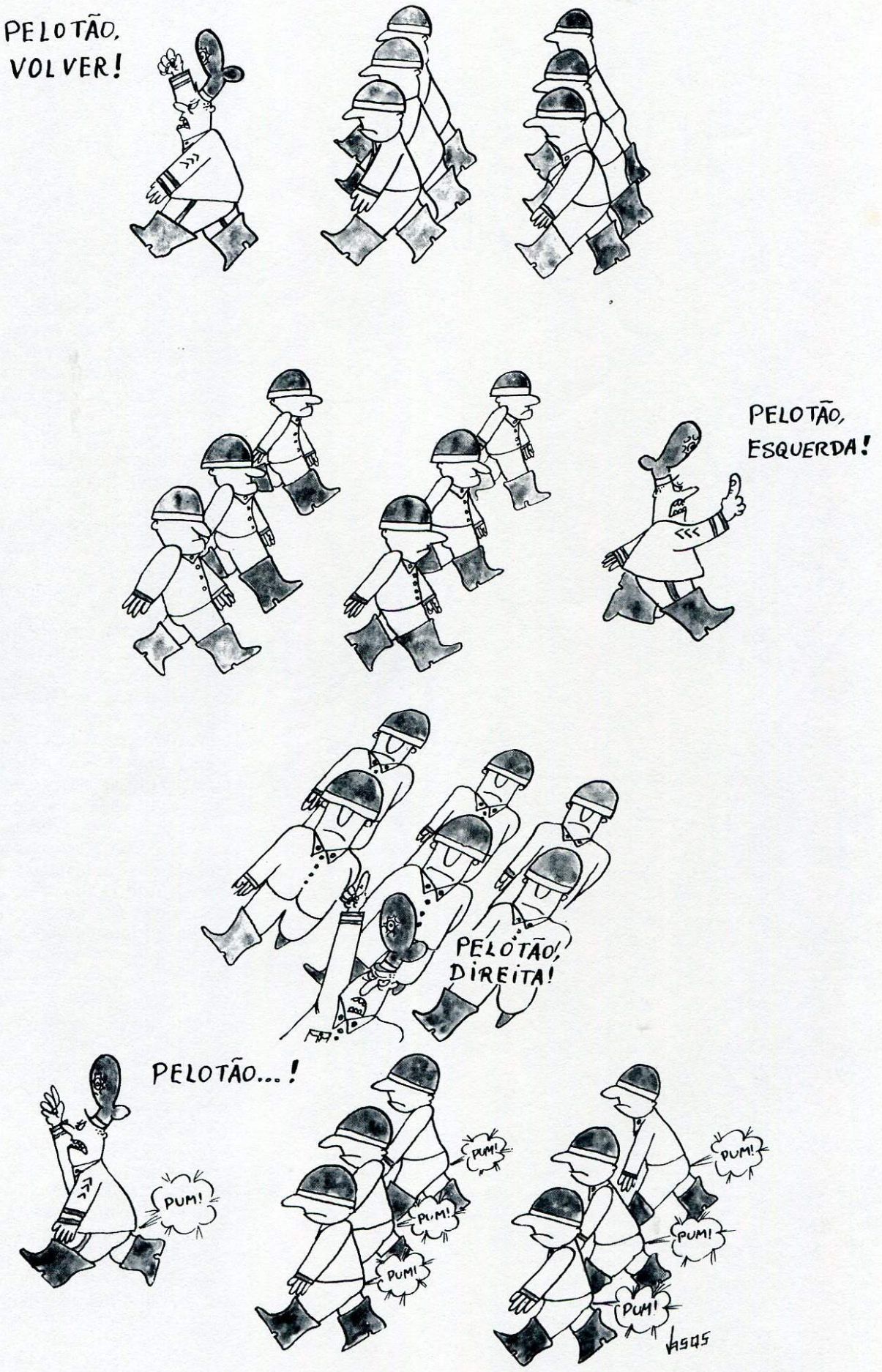


Há algum tempo, eu e minha mulher resolvemos fazer algo diferente, que envolvesse excitação e um pouco de risco. Num determinado dia da semana, numa hora escolhida anteriormente, fomos ao metrô de São Paulo. (Naquele horário, alguns carros da composição ficam completamente vazios.)

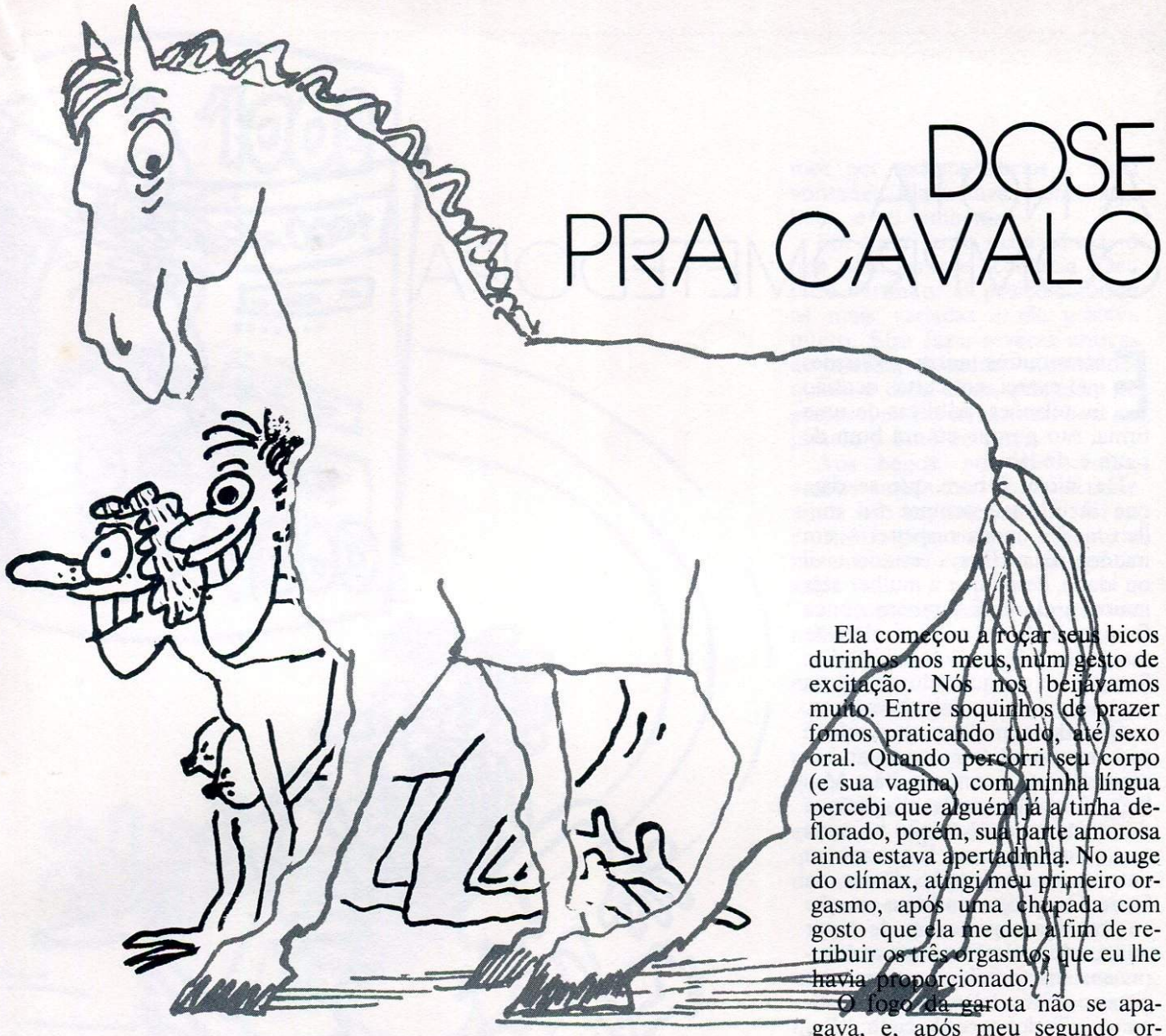
Entramos num vagão, logo que ele deu partida. À medida em que o vagão ia pegando velocidade, começamos a nos beijar e nos excitar. Aproveitando que minha mulher estava de vestido – mas sem calcinha –, eu entrei por baixo dele e comecei a acariciar suas coxas e nádegas. Ela estava de pé e abriu as pernas para que eu alcançasse seu sexo. Comecei, então, a sugá-lo com volúpia. Estávamos a ponto de explodir quando o alto-falante anunciou a chegada da próxima estação. Voltamos a nos sentar, como bons passageiros, e, felizmente, não entrou ninguém, permitindo que reiniciássemos nossas travessuras.

Desta vez o percurso seria mais longo, e ficamos completamente nus dentro do vagão. Ela se debruçou sobre o cano horizontal próximo à porta, de forma que seu maravilhoso traseiro ficasse todo voltado para mim e, com as mãos, ajudou a abrir suas nádegas. Assim, a possuí por trás e, conforme a composição acelerava e desacelerava, nossos corpos ficavam mais comprimidos ainda, aumentando indescritivelmente o nosso prazer. Novamente o alto-falante do vagão anunciou a próxima parada, e, rapidamente, nos vestimos e desembarcamos. Hoje, de vez em quando, nós nos perguntamos se faríamos aquilo novamente.

D.B.
SÃO PAULO — SP


PELOTÃO, VOLVER!
PELOTÃO, ESQUERDA!
PELOTÃO, DIREITA!
PELOTÃO...!
PUM!
PUM!
PUM!
PUM!
PUM!
PUM!
PUM!
VASQS

DOSE PRA CAVALO



No começo das férias, em janeiro, quando fui para a fazenda curtir um "arzinho", aconteceu a trepada mais inesquecível da minha vida.

Todos os dias, lá pelas quatro da tarde, naquela fazenda, alguém tinha que ir até o estábulo para soltar os cavalos. Como estava lá, resolvi que eu próprio faria aquilo. Quando saía, minha irmã me pediu que levasse a Célia – sua amiga – pois ela queria ver como os cavalos eram tratados. Célia era uma máquina: morena, 1,69m, esbelta e com umas coxas boas pra cacete. Não dava pra botar defeito. Seus seios eram durinhos e carnudos, e eu fiquei com uma vontade louca de agarrá-los logo de cara, mas me contive. Eu não sabia se essa minha tentativa poderia resultar em um monte de problemas para mim.

Saímos a galope em direção ao estábulo e, à medida em que o cavalo trotava, seus seios balançavam e as pontas de seus mamilos se enrijeciam. Eu já estava excitadíssimo; isso sem contar as secadas que ela me dava. Entramos na cocheira e começamos a soltar os cavalos. Quando restava apenas um, eu estava frente a ela, só que nenhum dos dois tinha coragem de tomar a iniciativa. Um friozinho me subiu à espinha e senti uma tremidinha deliciosa. Aí pensei comigo mesmo: "Obrigado Senhor, por eu estar só com ela aqui na cocheira."

Ela olhava firme para mim, e reparou que meu pênis estava grande e duro como uma rocha. Fazia até volume na calça. Quando ela viu a tal "montanha", sorriu. Isso foi a gota d'água.

Agarrei-a com vigor e a beijei por todos os lados. Em menos de dois minutos, já estávamos nus. Só havia nós dois e o cavalo na cocheira.

Ela começou a roçar seus bicos durinhos nos meus, num gesto de excitação. Nós nos beijávamos muito. Entre soquinhos de prazer fomos praticando tudo, até sexo oral. Quando percorri seu corpo (e sua vagina) com minha língua percebi que alguém já a tinha deflorado, porém, sua parte amorosa ainda estava apertadinha. No auge do clímax, atingi meu primeiro orgasmo, após uma chupada com gosto que ela me deu a fim de retribuir os três orgasmos que eu lhe havia proporcionado.

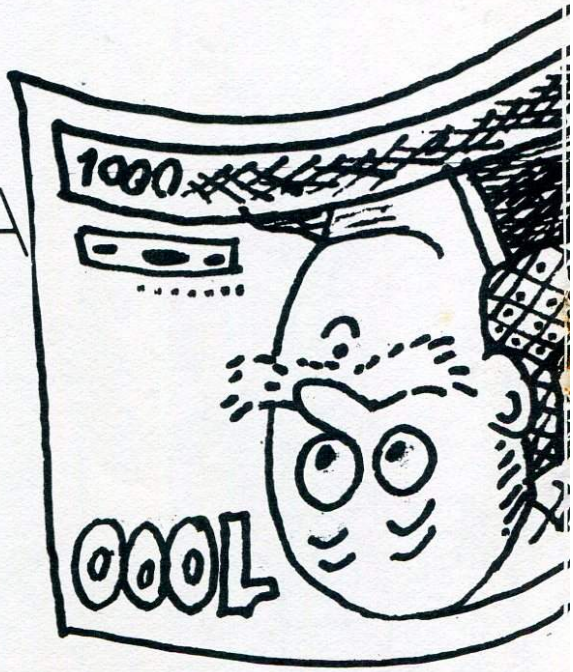
O fogo da garota não se apagava, e, após meu segundo orgasmo, comecei a fraquejar. Mas Célia queria muito mais, embora eu já estivesse arrasado, e, aí, levantou-se e disse que iria urinar na cocheira. Como ela estava demorando fui ver o que se passava. Sua sede de sexo era tão grande que a peguei de quatro, no chão, fazendo amor com o cavalo.

Aquela cena me deixou louco de excitação. Entrei na cocheira, arranquei-a do enorme sexo do quadrúpede e acabei de estourar sua virgindade. Gozamos como nunca.

Voltamos para a sede da fazenda e, durante o restante das férias, ela nem olhou para mim, acreditem ou não! Atualmente, estou namorando uma garota que não tem coragem de fazer amor comigo, por isso passo minhas noites no banheiro, "solitariamente" Que triste sina!

J.D.R.
SÃO PAULO — SP

A NOTA COMPROMETEDORA



Entre outras tantas profissões que exerci, em certa ocasião fui relações públicas de uma firma, isto porque eu era bom de pinta e de lábia.

De início, é bom que se diga que meu fraco sempre foi mulher .. Eu nunca respeitei – em matéria de mulher – estado civil ou idade, desde que a mulher seja maior, é claro. E também nunca fiz questão de cor ou raça, além de nunca ter sido eu o conquistador. Sempre fui conquistado, modéstia à parte, graças à minha boa pinta.

Quando a mulher quer, ela é pior do que o homem, pois ao homem só resta a conformação. Mulher é como uma mina d'água que desce morro abaixo, não há nada que a possa segurar. E quando eu entrava numa jogada dessas, ia firme. Os colegas da firma em que eu trabalhava gostavam de ouvir minhas histórias, minhas aventuras sexuais (privilégio que só eu gozava entre eles, indiscutivelmente). Todos reconheciam: "Pudera, com essa pinta!"

Infelizmente, a turma era ligadona mesmo nas mais variadas modalidades de jogos. Eu nunca joguei, meu vício sempre foi mulher. Me lembro de um tal Felício, um cara que todos os dias ia buscar o jogo do bicho, a "fezinha" que a rapaziada fazia. Ele se dizia "corretor zoológico" e não bicheiro.

Um dos meus colegas, o Carlos, era jogador contumaz, tão viciado que jogava em tudo: cavalos, baralho, loteria, bilhar, palitinho e outros derivados dessa desgraça que é a jogatina. Ele só não jogava na Loteria Esportiva porque, naquele tempo, ela ainda não existia. Bem dizia Rui Barbosa: "O homem que joga não perde só o dinheiro, perde tudo e até a mulher." E aqui vai uma mensagem para quem joga como o Carlos: os ganhos esporádicos obscurecem as perdas freqüentes e, achando que um dia se pode ganhar, cada vez vai se perdendo mais.

As esposas dos jogadores têm que se virar como podem para sobreviver, pois, na dependência do dinheiro do marido, passam privações. É claro que algumas trabalham e ganham honestamente, mas nem sempre, e o pior é que os maridos não querem nem saber da procedência do dinheiro. Muitos chegam até a roubar as esposas para poderem jogar.

O Carlos, infelizmente, era um desses, mas era um bom colega e também gostava muito de ouvir minhas histórias. Na hora do cafezinho eu ficava rodeado pelos colegas, que, excitados, ouviam-me sem piscar.

Certo dia, enquanto Felício colhia as fezinhas e eu contava minhas bravatas, recebi a proposta:

– Porque o senhor não faz um joguinho? Quem tem sorte no amor, tem sorte no jogo!

Agradeci o conselho e mostrei para todos uma nota de mil cruzeiros, dizendo:

– Sou capaz de rasgar esta nota, mas jogá-la, nunca.

Eu gostava de gratificar, de vez em quando, as mulheres com que eu saía, uma questão de reconhecer os gastos que elas tinham com cosméticos, cabeleireiros, roupas, etc. Por isso, não via nenhum mal em reembolsá-las.

E qual a mulher que não gosta de um dinheirinho extra?

A Elza, coitada, era uma mulher casada e eu sabia que ela não trabalhava. Ela sempre me contava as dificuldades por que pas-

sava visto que seu marido era viciado em jogo. Sendo assim, dava-lhe, de vez em quando, mil cruzeiros, que naquele tempo era dinheiro, mas, graças a Deus, nunca me fizeram falta. E eu lhe dava essa grana com muito prazer, pois Elza, além de bonita, era muito boa de cama e entregava-se a mim com muita raiva do marido. Ela reclamava dele não a procurar e de só pensar em jogo. Para ela eu havia caído do céu.

Naquela quarta-feira eu tinha um encontro com Elza e, com a nota de mil nas mãos, estalava a "pelega" e dizia:

– Eu vou me deliciar nos braços de uma mulher gostosa agora. O que eu gosto mesmo é de trepar

O Carlos nesse dia estava sem palpite e me pediu o número da nota. Jogou violentamente do primeiro ao quinto prêmio.

Embolsei a gaita e ainda brinquei com a turma:

– Fiquem aí na ansiedade, puxando os cabelos, que hoje eu quero dar três. E uma em homenagem a vocês.

Depois de tomar meu cafezinho, saí. Fui, primeiro, a uma emissora de rádio fazer a minha divulgaçãozinha e parti para o meu apartamento. Eu mantinha um apartamento na avenida São João. Quando lá cheguei, a Elza estava me esperando na porta do prédio, disfarçadamente, como se estivesse esperando o ônibus.

Subimos e, quando conversávamos, notei que seu lindo rosto revelava estar cheio de desejos. Há mais de dez dias que não transávamos por motivos alheios à nossa vontade. Ela estava excitada à beça, e eu também.

Foi uma tarde maravilhosa, o que nem sempre acontecia. Deu tudo certinho; as posições foram as mais variadas e ela gostava muito. Elza fazia severas críticas ao marido, chamando-o de inadequado e dizia ainda que, além de gostoso, eu era um artista; bom de jumelo e bom de cama.

Aos beijos, nos despedimos, ambos satisfeitos. Como a tarde ainda não havia terminado, fui ao escritório para marcar o ponto e me encontrei com a turma, já de saída:

– Como é, deu o número da nota?

E Carlos, lamentando-se, resmungou:

Qual o quê, nem pintou!

Saímos e, enquanto caminhávamos, fui contando a aventura daquela tarde:

– Pois é, tenho ou não razão em evitar de jogar? Hoje foi só pêlo que voou no meu apartamento, demos três de puxar o saco

E ele, curioso, ainda quis saber:

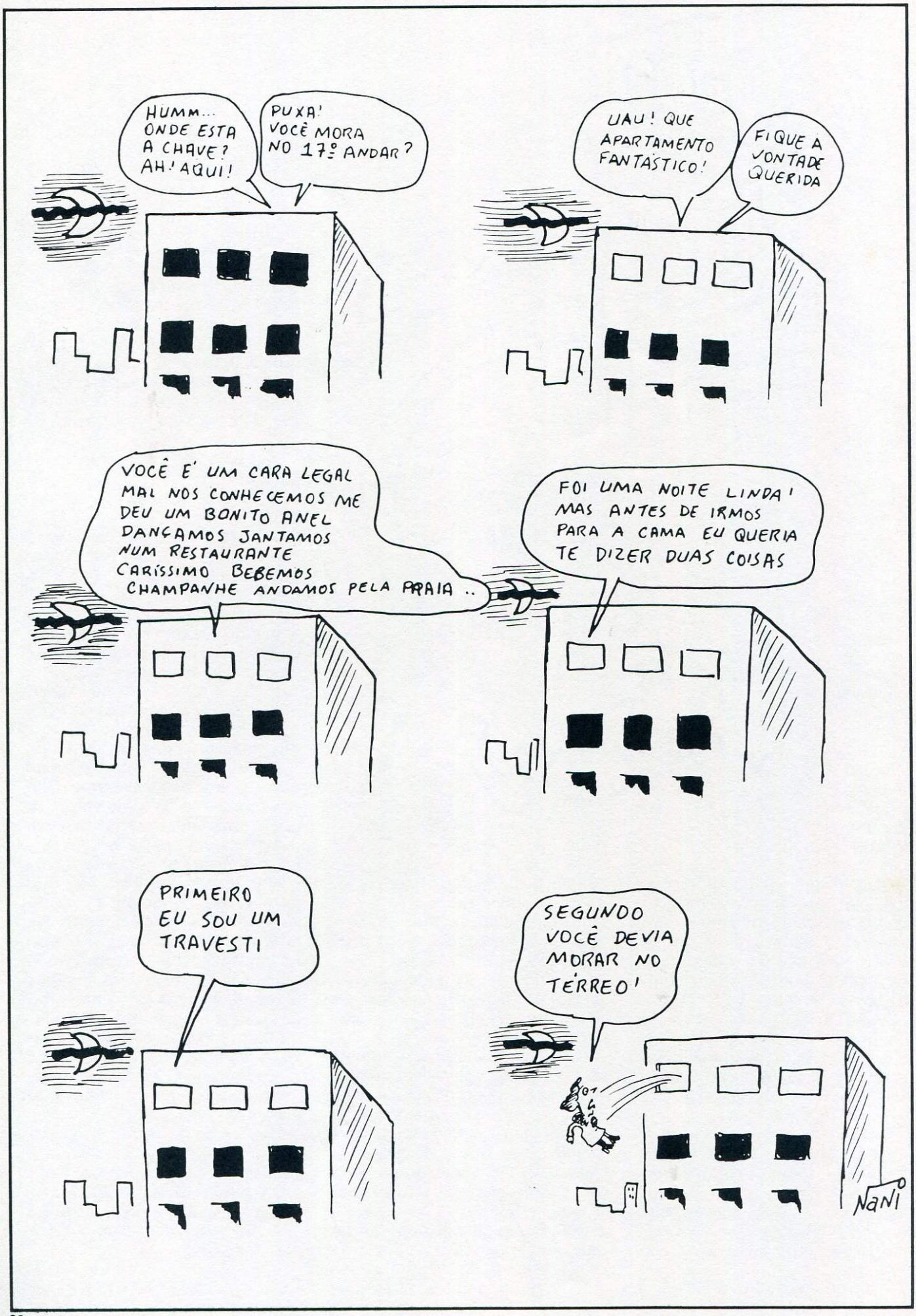
– E ela, levou a sua grana?

– Levou sim. Eu lhe dei com muito prazer porque ela mereceu.

No dia seguinte fiquei sabendo que o Carlos se encontrou com sua esposa, na fila do ônibus e os dois rumaram juntos para casa. Ao chegarem em casa, ela tropeçou no primeiro degrau da escada e se desequilibrou. Para não cair, instintivamente largou a bolsa e agarrou-se às grades da porta. De fato, ela não caiu, mas sua bolsa foi ao chão, esparramando tudo que havia dentro: batom, caixinha de pó, rímel, chaves, alguns trocados e uma nota de mil. Carlos estranhou o fato dela andar com tanto dinheiro, e quis ver de perto. E acabou vendo, justamente, o número que não deu na tabuleta do bicheiro.

Elza acabou pedindo o desquite, pois Carlos lhe encheu a cara naquele dia e teve que cumprir pena na detenção. Ficou três meses engaiolado, preso com um número às costas e ainda sem poder jogar nele

E.N.
SÃO PAULO — SP


HUMM... ONDE ESTA A CHAVE? AH! AQUI!
PUXA! VOCÊ MORA NO 17º ANDAR?
UAU! QUE APARTAMENTO FANTASTICO!
FIQUE A VONTADE QUERIDA
VOCÊ É UM CARA LEGAL MAL NOS CONHECEMOS ME DEU UM BONITO ANEL DANÇAMOS JANTAMOS NUM RESTAURANTE CARÍSSIMO BEBEMOS CHAMPANHE ANDAMOS PELA PRAIA ..
FOI UMA NOITE LINDA! MAS ANTES DE IRMOS PARA A CAMA EU QUERIA TE DIZER DUAS COISAS
PRIMEIRO EU SOU UM TRAVESTI
SEGUNDO VOCÊ DEVIA MORAR NO TÉRREO!
NANI

ENTRE GEMIDOS E SUSSURROS

Era um sábado de manhã, e eu havia recebido um convite para uma festinha que uns conhecidos meus iriam fazer para recepcionar um parente vindo do Rio Grande do Sul.

Fui à festa e lá, entre comes e bebes, vi uma garota que depois vim saber chamar-se Lúcia. Ela tinha 19 anos, e logo começamos uma amizade. Conversamos muito, e entre outras coisas ela me contou que estava noiva e provavelmente se casaria no final do ano. Lá pelas três da tarde resolvi voltar para casa e, ao me despedir do pessoal, não a vi mais por lá. Fiquei contrariado, mas tive que me conformar, afinal ela era noiva e eu não poderia alimentar esperanças.

Entrei no carro e saí, e assim que virei a primeira esquina a vi andando na calçada, linda como nunca e sorrindo para mim. Encostei o carro e, mal abri a porta, ela já tinha entrado. Ela, então, me convidou para ir até sua casa tomar alguma coisa, pois seus pais haviam viajado e seu irmão ficaria trabalhando até tarde para compensar um determinado feriado.

Assim que chegamos ela mandou que eu ficasse à vontade e foi logo me servindo uma bebida, enquanto colocava um disco na vitrola, conversando animada. Lá pelas seis da tarde ela resolveu tomar um banho. Assim que saiu do chuveiro, apareceu só de calcinha na minha frente. Fiquei trêmulo, não sabia nem o que falar ante aquela visão maravilhosa. Levantei-me, excitadíssimo, e me aproximei dela abraçando-a e beijando-a todinha. Abracei-a bem forte, para que ela sentisse meu pênis duríssimo, e ela estremeceu.

Deitamos ali mesmo, no carpete, e me livrei logo da minha roupa, que naquela altura já estava muito incômoda. Passei a dar-lhe um banho de língua dos pés à cabeça. Ela delirava e, então, não agüentando mais de tesão, resolvi penetrar-lhe a vagina. Quando ela sentiu que meu pênis começava a entrar vacilou e disse que eu não poderia fazer aquilo, e que era moça. Não dei a mínima para seus protestos, afinal ela é que tinha provocado tudo aquilo e teria que agüentar as conseqüências.

Fui penetrando sua vagina virgem, que se abria sofregamente e dava passagem ao meu duríssimo pênis. Ela chorava e gemia. Continuei naquele movimento de sobe e desce e, entre gemidos e sussurros chegamos ao clímax. Quando terminamos eu lhe pedi desculpas e ela fez um meneio de cabeça, afinal, já tinha acontecido.

Depois ela voltou ao banheiro e tomou outro banho, vestindo-se rapidamente, pois já passava das sete e meia e ela tinha um encontro com o noivo às oito. O noivo dela detestava esperar.

J.A.F.
SÃO PAULO — SP

A MULHER DO SAPATÃO

Eu estava numa roda de samba quando conheci Suely. Ela é uma moreninha linda, com seios grandes, empinados e durinhos. Fiquei maluco pela menina e a convidei para sambar comigo.

Ela topou e, enquanto dançávamos, meu membro foi ficando duro, o que ela sentiu, pois estava pressionando sua vulva. Meu membro apertava sua vulva como se quisesse penetrá-la ali mesmo, e percebi que ela também estava excitada. Os bicos de seus seios estavam quase me espetando. Saímos do samba e fomos para o carro, e, depois do aquecimento, sugeri que fôssemos a um motel.

Ela me disse que estava sozinha em casa e, se eu quisesse, poderíamos ir até lá. Eu, logicamente, topei. Já no caminho, ela desabotoou minha calça e foi chupando meu pênis. Quase bati o carro.

Chegando lá, ficamos nus e começamos a nos beijar, até que deitamos no chão e começamos a chupação. Chupei sua caverna apertada e quente com vontade. Ela parecia uma profissional, pela forma com que mamava no meu membro, e ele já estava a ponto de explodir. Como eu já estava perdendo a guerra das línguas, tomei posição e comecei a penetrá-la, suave e lentamente.

Suely gozou só com a penetração, mas eu não quis parar, e nem ela. Começou, então, a se mexer num movimento ritmado, gostoso, e sua vagina era macia e apertada. Eu me deliciei com aquilo, retendo meu gozo ao máximo. Suely, quando sentiu meu leite dentro dela urrou e gozou também, caindo exausta a meu lado. Depois de descansarmos um pouco, recomeçávamos nossas carícias quando, de repente, alguém abriu a porta com violência.

Tomei um puta susto e pulei, ficando pronto para correr, enquanto Suely olhava assustada para a porta. Era uma mulher loira, e olhava com raiva para mim enquanto mexia na bolsa. Antes que eu pudesse falar alguma coisa, ela tirou uma faca e investiu contra mim. Por sorte consegui escapar da primeira facada e acertar-lhe um soco na cara. A mulher caiu semidesfalecida, e eu já ia pensando em sair dali quando Suely, chorando muito, pediu que eu a ajudasse. Colocamos a loira na cama e, imediatamente, tratamos de reanimá-la. Eu estava tão nervoso que nem lembrei das minhas roupas, e nem a Suely.

Suely chorava e beijava Vera – a loira – com tanta doçura, que não foi preciso muito tempo para que eu entendesse o que havia entre elas. Peguei minhas roupas e fui embora, louco da vida, e triste por ter dado só uma com aquela maravilha de mulher.

M.C.B.
CAXAMBI — RJ

R
dwayer

UMA ATRÁS DA OUTRA

Há um bom tempo, quando eu era viajante, tudo acontecia quando menos esperava. Eu andava de cidade em cidade, às vezes caçando, às vezes sendo caçado, e numa dessas viagens pintou uma coroa. Eu estava trabalhando numa pequena cidade do interior de São Paulo, e fui visitar um velho cliente. Fiquei surpreso ao ver que o estabelecimento tinha um novo proprietário, aliás, uma nova proprietária, e, depois das apresentações, começamos a tratar dos negócios. No papo, fiquei sabendo que a nova proprietária era solteira, quarentona e, ainda por cima, virgem.

Resolvemos tudo e ela me convidou para jantar em sua casa no sábado. Fui, e após termos tomado uns tragos, veio a crise de choro e os segredos do desespero. Ela me falou que era de família rica e tradicional e, como a cidade era pequena, ela vivia muito reprimida. Mas ela queria, e eu queria muito mais.

Começamos vendo sua coleção de revistas pornográficas e fotos, que aliás era imensa e completa, inclusive com revistas de homossexuais. A excitação foi tanta que começamos a nos acariciar e a nos amar no meio das revistas. Conforme íamos vendo as fotos e as posições, íamos nos enrolando em posições semelhantes; foi uma surubada e tanto. Começamos pelas chupadas e pelas carícias e, depois de tudo, meu pênis deve ter afinado e seu clitóris aumentado polegadas.

Nesse dia não introduzi nada e ela não foi penetrada em lugar nenhum, mas quando voltei para aquela cidade, depois de algum tempo, ela me convidou novamente e aceitei jantar com ela. Depois do jantar recomeçamos tudo novamente, e tentei de todas as maneiras introduzir meu membro em sua gruta virgem, mas nada. Ela só queria mesmo chupadas, mas tanto fiz que, quando ela menos esperava, penetrei seu ânus. De início, ela não gostou, mas depois foi uma atrás da outra, com as revistas sendo nossas mestras. Nunca em minha vida encontrei mulher como ela. Eu gozava até quando ela me chupava a mala.

Naquele dia ela deve ter ficado com o traseiro feito pimenta de tanto que transamos, e por um bom tempo fomos amantes sem que ninguém suspeitasse, tal nossa discrição e respeito mútuo. Ela foi uma fêmea perfeita, tanto sua boca como seu ânus eram divinos e nobres, mas de sua vagina só senti o sabor. Ela nunca deixou que eu abrisse aquela porta que nos daria tanto prazer.

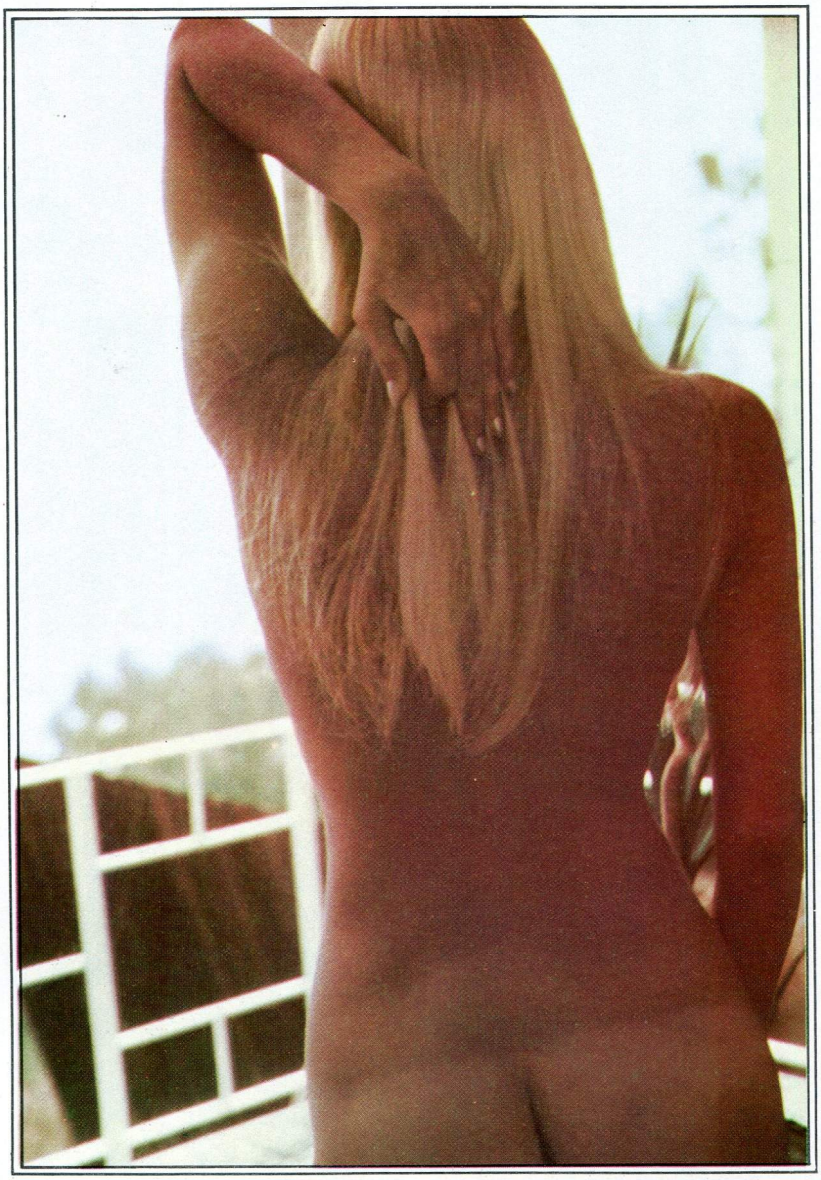
D.D.R.
CAMPINAS — SP

OI! FESSORA.
TAMOS APRENDENDO
A MULTIPLICAR
J. CAESAR

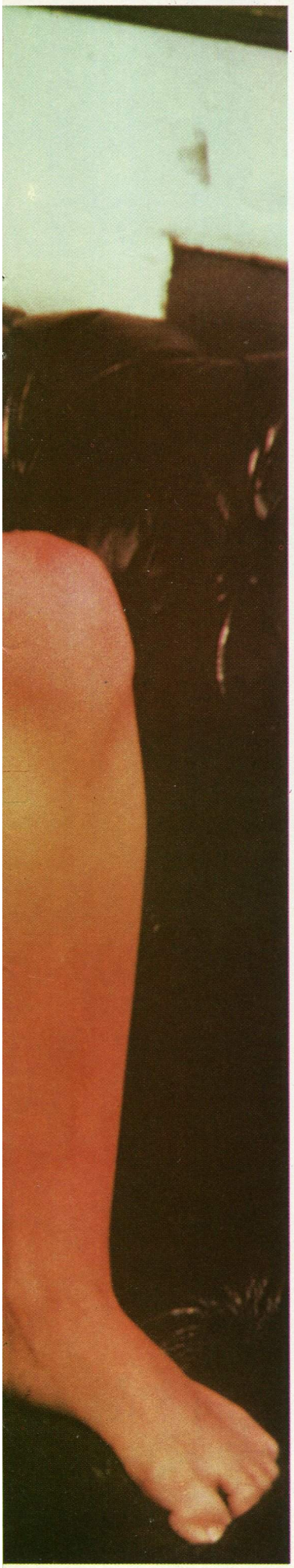
Danielle, a Francesinha

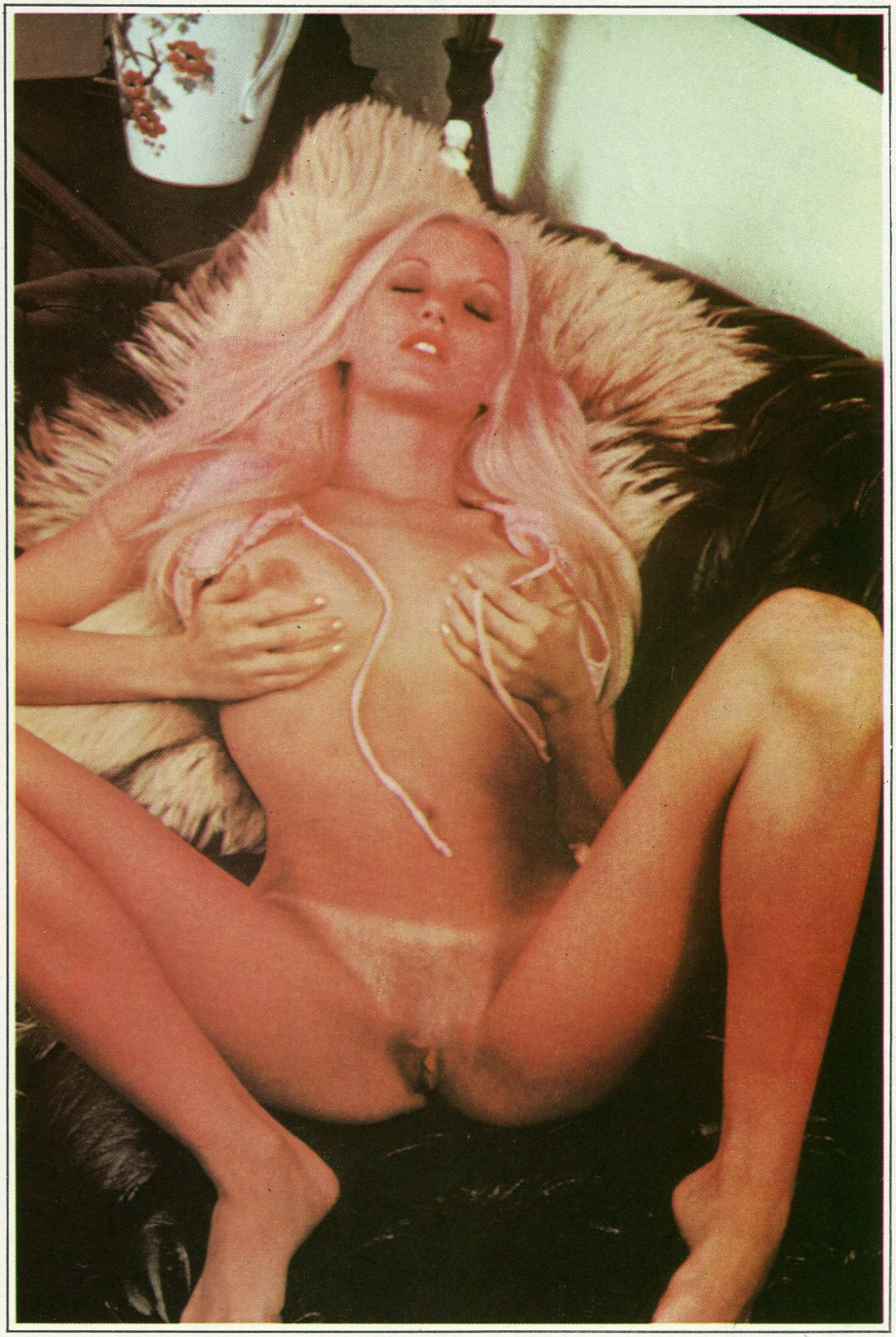
Danielle Fabre é uma das dançarinas mais consagradas de Paris, onde nasceu e onde encanta todos os homens com seus trejeitos graciosos. Danielle Fabre sempre gostou de dançar e começou a fazer ballet com apenas 5 anos. Hoje Danielle é uma profissional e a mais solicitada para shows no luxuoso Théâtre de Dance Michellin. Danielle está feliz com seu sucesso e só tem um desejo. excursionar pelo mundo para mostrar seu talento. Deleite-se com este show

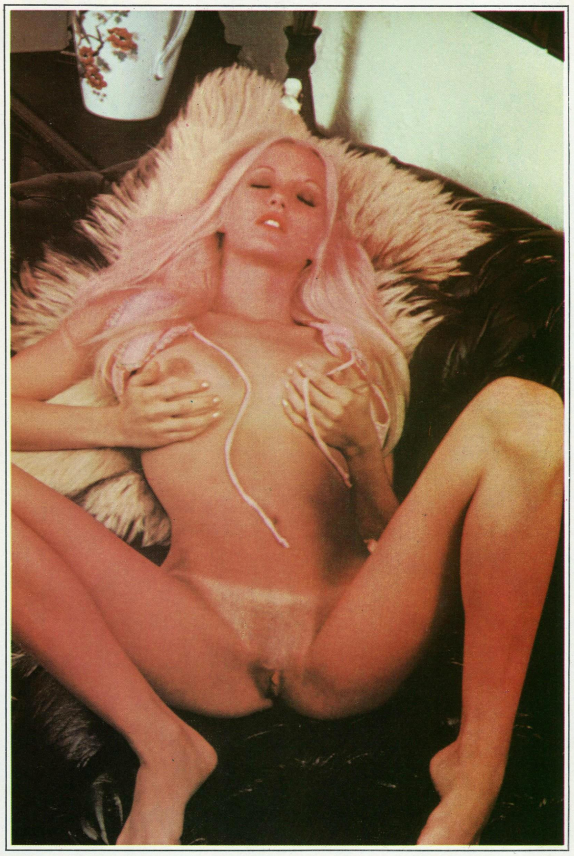
Eve, a Belga



É importante para Eve são as pessoas. "Jusqu aujourd'hui, je n ai pas trouvé l'amour de ma vie", diz ela em seu francês-belga. O que, em brasileiro, quer dizer "Até hoje eu não encontrei o amor de minha vida." Eve deverá vir ao Brasil na próxima FENIT, para desfilar os modelos exclusivos de uma famosa costureira brasileira, que aparece em um badalado programa de televisão. Quem sabe aqui no Brasil Eve encontre "l'amour" da vida dela.







Na Finlândia tem mar, mas não tem praia. Tem "fjords", aqueles penhascos de pedras que caem no mar, que a gente vê nos filmes de guerra. Bernice Arnold ganhou seus primeiros trocados trabalhando como guia para os produtores desses filmes. Ela ficou nessa uns três anos mais ou menos, até que um dia foi descoberta por um cineasta americano que a levou para Nova Iorque. Lá, longe de casa, Bernice começou a fazer um filme atrás do outro. Tudo filme pornô. Só que tem uma coisa: filmes de sacanagem nos Estados Unidos são feitos por atrizes de grande gabarito, nada de pés-de-chinelo. Gente fina, bonita e gostosa, como a Bernice Arnold, a finlandesa.

Bernice, a finlandesa

Bernice, a finlandesa

Na Finlândia tem mar, mas não tem praia. Tem "fjords", aqueles penhascos de pedras que caem no mar, que a gente vê nos filmes de guerra. Bernice Arnold ganhou seus primeiros trocados trabalhando como guia para os produtores desses filmes. Ela ficou nessa uns três anos mais ou menos, até que um dia foi descoberta por um cineasta americano que a levou para Nova Iorque. Lá, longe de casa, Bernice começou a fazer um filme atrás do outro. Tudo filme pornô. Só que tem uma coisa: filmes de sacanagem nos Estados Unidos são feitos por atrizes de grande gabarito, nada de pés-de-chinelo. Gente fina, bonita e gostosa, como a Bernice Arnold, a finlandesa.

GRÁTIS!

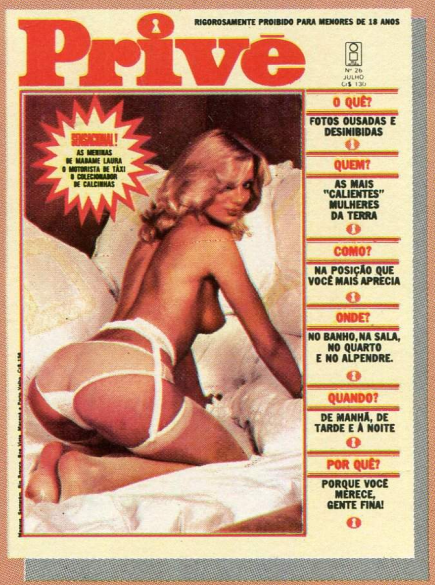
Ao comprar um exemplar da revista HOMEM,
você leva grátis momentos inesquecíveis
de aventura, emoção, cultura e prazer.
Além de ficar na companhia das
mulheres mais charmosas do mundo.
Sinta o gostinho.

O primeiro gol da Ideia

IDEIA EDITORIAL

ENFIM, A REVISTA QUE DEIXA QUALQUER LEITOR INTEIRAMENTE À VONTADE

Ao comprar uma PRIVÉ, não é só uma revista de mulher nua que você está levando para o seu quarto. PRIVÉ é uma das poucas publicações brasileiras onde o leitor tem participação direta. Não só na **Transações**, *que é a concorrida seção de correspondência, mas também na* **Feita em Casa**, *onde todo mundo tem chance de ver sua própria foto erótica publicada, além de* **Confissões**, *que é a parte onde cada um conta em detalhes suas aventuras e ilusões no campo sexual. Fora o* **Cantinho Gay**, *que é aquilo que todo entendido aprecia, colabora e defende. PRIVÉ traz, ainda, tudo aquilo que uma revista adulta tem a obrigação de apresentar para seu público leitor: grandes reportagens, bons artigos, contos, humor de qualidade, crônicas inteligentes e passatempos divertidos. E as indispensáveis beldades que fazem a cotação de qualquer bolsa subir. O único problema da PRIVÉ é que, por ser uma revista forte, tipo cowboy, nem todas as bancas e revendedores costumam expor. Então ela fica meio escondida, lá no fundão. Por isso você tem que insistir. Peça PRIVÉ. Mesmo que ela não esteja à vista. Toda quinzena a Idéia Editorial lança uma.*



IDÉIA EDITORIAL

ABOBRINHA PUBLICIDADE